

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**AS PERSPECTIVAS DE ENSINO DO SURFE NOS
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TIAGO MALTA ROSSI ROLIM

FLORIANÓPOLIS, JUNHO 2010.

TIAGO MALTA ROSSI ROLIM

**AS PERSPECTIVAS DE ENSINO DO SURFE NOS
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso como
pré-requisito parcial para habilitação em
licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora:
Profa. Ms.Cristiane Ker de Melo

FLORIANÓPOLIS, JUNHO 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

A Comissão examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

AS PERSPECTIVAS DE ENSINO DO SURFE NOS
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Elaborada por

TIAGO MALTA ROSSI ROLIM

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora (Banca):

Orientador - Prof^a. Ms.Cristiane Ker de Melo – UFSC

Membro – Prof. Dr. John Peter Nasser – UFSC

Membro – Prof. Daniel Steil – FUCAS

Florianópolis, SC., 7 de Julho de 2010

AGRADECIMENTOS

Chega um momento que escrever o trabalho de conclusão se torna até que automático. Deixei então esta parte, dos agradecimentos, para o final achando que seria simples, afinal é só agradecer. Mas, ao começar a redigir as primeiras palavras e agradecimentos, fui me perguntando a quem agradecer? Porque agradecer? Pela ajuda na monografia, ou pelo companheirismo, pela força que me deram em momentos bons e ruins da faculdade? Penso que nós vivemos numa constante relação com o outro e com a natureza. Portanto, a minha condição estando aqui neste momento dependeu de gente que provavelmente sairia despercebido nesta parte do trabalho. É nessas circunstâncias que eu agradeço a todos, servidores, professores, alunos, colegas, da universidade que fizeram parte de algum momento ou acontecimento que me fizeram chegar agora dessa forma.

Um especial agradecimento aos professores Cris Ker, minha orientadora e professora por varias vezes na faculdade, além de ter agüentado o processo lento do garoto aqui, e ao professor Cardoso que desde a minha primeira fase marcou a minha formação. Agora, é claro, um forte abraço de obrigado e de amizade aos camaradas que fizeram parte deste período acadêmico em minha vida. Huáscar, Maia, Paulinho (furão), Alejado 1 e 2, Joca, Danilão (afilhado), turma boa demais!!! Peças fundamentais nesse trabalho e com certeza representam uma amizade de pouco tempo, mas que já me proporcionou muitas alegrias, oportunidades e boas conversas cabeças, Kellyn e Segura. Valeu meus amigos! Serei sempre grato pela sua amizade e força! Também não posso esquecer, do grande Foca, camaradaço que me deixou sem chocolate na páscoa Kraft da galera (risos) e que abriu caminhos pra eu e Huáscar continuarmos o UFSC na Praia, campeonato de surfe da universidade.

Sem duvida nenhuma, meu maior agradecimento e também dedicatória deste trabalho é a meus pais e irmão. Os pais, por terem simplesmente, nada mais nada menos, que me posto no mundo e me dado a base e o amor que eu tenho até hoje, os quais me fortalecem para ultrapassar qualquer problema em minha vida. Mano, a você agradecer seu companheirismo e dizer que fez falta nesse tempo!

RESUMO

Esta investigação buscou analisar as diferentes abordagens sobre a temática surfe, nos cursos de graduação em Educação Física do Brasil, no intuito de conhecer como o surfe é abordado nos cursos de formação de professores de educação física no Brasil. Para tanto foi feita uma reflexão sobre os parâmetros curriculares que norteiam a formação dos profissionais da Educação Física e, as possíveis relações do surfe como prática esportiva dentro da área. No processo de averiguação, foram identificadas abordagens multifacetadas sobre o surfe, entretanto na maioria dos casos a modalidade compõe o corpo do conteúdo programático de disciplinas de caráter mais amplo, como por exemplo, Esportes Aquáticos, Esportes na Natureza, Teoria e/ou Metodologia dos Esportes de Aventura e Metodologia de Ensino dos Esportes de Praia. Dentre as mais de 400 universidades no Brasil, apenas a Universidade Santa Cecília, em Santos, ministra uma disciplina especificamente do surfe.

Palavras Chaves: surfe, parâmetros curriculares, educação física.

SUMÁRIO

RESUMO.....	IV
1 .INTRODUÇÃO	7
1.1 .Questões .Norteadoras	8
1.2 .Justificativa.....	9
1.3 .Objetivos	9
1.3.1Objetivo .geral	9
1.3.2 .Objetivos .específicos	9
2 .FUNDAMENTAÇÃO .TEÓRICA	10
2.1 .A .Formação .Acadêmica .do .Profissional .da .Educação .Física	10
2.1.1 .Contextualização .da .educação .física .nas .universidades.....	11
2.1.2 .Dimensões .na .formação .acadêmica .da .educação .física.....	12
2.1.3 .As .abordagens .nas .disciplinas .de .prática .esportiva	15
2.2 .Possibilidades .de .abordagem .do .Surfe .como .objeto .de .conhecimento.....	17
2.2.1 .Suas .dimensões .e .aspectos .histórico-culturais.....	17
2.2.2 .Cenário .esportivo .mundial.....	22
2.2.3 .A .interação .do .praticante .com .o .meio .ambiente.....	23
2.2.4 .O .Surfe .na .promoção .da .saúde.....	25
2.2.5 .O .potencial .do .surfe .no .âmbito .educacional: .aspectos .pedagógicos.....	26
3 .METODOLOGIA.....	29
4 .DISCUSSÕES .E .RESULTADOS.....	31
4.1 .Mapeando .a .abordagem .acerca .do .surfe .nos .cursos .de .Educação .Física.....	31
4.2 .Conhecendo .as .Disciplinas .por .instituição.....	37
4.2.1 .Universidade .Federal .de .Santa .Catarina.....	37
4.2.2 .Fundação .Universidade .Federal .do .Rio .Grande.....	38
4.2.3 .Universidade .de .Fortaleza.....	39
4.2.4 .Universidade .do .Sul .Catarinense.....	39
4.2.5 .Faculdade .de .Alagoas.....	41
4.2.6 .Universidade .Veiga .de .Almeida.....	41
4.2.7 .Universidade .Santa .Cecília.....	42
5 .CONSIDERAÇÕES .FINAIS.....	45
6 .REFERÊNCIAS.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela dos cursos de educação física no Brasil.....	31 - 32
Tabela das instituições localizadas em cidades litorâneas brasileiras.....	32 - 35
Tabela dos cursos com disciplinas que abordam o surfe.....	37

1 INTRODUÇÃO

A presença da prática do surfe em minha vida gerou uma expectativa em relação à tematização desse assunto durante o processo de formação acadêmica. A partir de indagações vindas deste envolvimento como praticante do surfe e graduando em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), surgiu o interesse de aprofundar as relações da modalidade esportiva surfe na formação acadêmica em Educação Física.

Ao longo deste período, percebi a ausência de uma abordagem específica no currículo da graduação, reforçada por um aspecto contraditório, o fato da UFSC estar localizada em Florianópolis, uma ilha com cerca de 54 km de praias, além de ótimas condições de mar e ondas. Nesse tempo, não faltou a menção ao tema, entretanto, foi insuficiente o fornecimento de conhecimento, de subsídios informacionais e motivadores que permitissem um enfoque profundo (teórico e prático) da modalidade, assim como são oferecidas nas disciplinas de futebol, handebol, vôlei e tênis. Sem desmerecer estas práticas, mas considerando que seja possível agregar outras possibilidades ao ensino da educação física acadêmica, no sentido de ampliar suas frentes de ação, é que trago a temática do surfe neste momento da conclusão de meus estudos na graduação. Procurei estabelecer, também, algumas reflexões que pudessem contribuir na formação de professores de educação física, que, como eu, se preparam para o ambiente escolar, o mercado de trabalho, desenvolvimento de carreiras e disseminação de conhecimentos.

Para a análise das perspectivas sobre o surfe no meio acadêmico, o entendimento quanto à formação em educação física se fez necessário, visto que a modalidade pode ser encarada e utilizada sob dimensões diferentes. A formação de profissionais e professores de educação física é um tema que vem sendo difundido nas perspectivas de pesquisa e contribui para esclarecer e promover debates aos acadêmicos e docentes quanto às formas de atuação e interação. Dentro da Educação Física existem eixos distintos que em grande parte das vezes são expressos nas práticas esportivas. Estas disciplinas são muito importantes para a formação do acadêmico, pois serão um meio por onde se aplicarão os conhecimentos teóricos específicos de acordo com a dimensão do curso. A discussão que permeia a modalidade surfe abrange muitas potencialidades da prática, trazendo relações com o

meio ambiente, com a promoção de saúde bem como aspectos culturais, históricos e sociais.

Este estudo está estruturado em três partes, começando num primeiro momento com um levantamento bibliográfico de autores e obras que discutam formação acadêmica e curricular em educação física pretendendo facilitar a análise dos resultados em relação a suas perspectivas, e de bibliografias que tragam elementos teóricos que possa relacionar o surfe à prática profissional. A segunda parte, apresenta as ferramentas metodológicas utilizadas para o tratamento das informações levantadas e, a terceira parte, expõe os resultados e as discussões mais relevantes.

1.1 Questões Norteadoras

A situação-problema foi analisada do ponto de vista teórico-científico buscando identificar as condições e perspectivas de abordagem da prática do surfe no âmbito da formação acadêmica em Educação Física nas universidades brasileiras. A modalidade foi abordada enquanto prática multifacetada, a qual agrega uma ampla possibilidade de abordagens de pesquisa, destacando, dentre elas, os aspectos da relação homem e natureza, preparação física, técnica, educação, cultura e história.

Com base no enfoque analítico, o estudo foi concentrado na busca de respostas a uma questão principal: Como a modalidade esportiva surfe é tratada nos currículos dos cursos de Educação Física no Brasil?

Desta, surgiram outras questões que podem auxiliar na discussão e circunscrição do objeto em foco. São elas:

- ① O Surfe constitui uma disciplina específica nos currículos de graduação em Educação Física, ou apenas conteúdo programático no contexto de disciplinas afins?
- ② Quais os cursos de graduação em Educação Física no Brasil que ofertam a disciplina “Surfe” em seus currículos?
- ③ Esses cursos estão localizados em regiões litorâneas, ou não?
- ④ Em qual(is) enfoque(s) o surfe é abordado nesses contextos?

É reconhecendo a grande gama de discussões e possibilidades de debates críticos que o surfe pode oferecer que este estudo contribui para o fortalecimento de minha formação e de novos professores de Educação Física, permitindo esclarecer e aproximar mais atores a uma prática secular que integra física e espiritualmente o homem à natureza.

1.2 Justificativa

Este estudo se justifica pelo fato de o surfe se apresentar como uma alternativa diferenciada às práticas esportivas que são geralmente oferecidas nos cursos de Educação Física. Em um local como Florianópolis onde a ligação com o mar é grande e que o surfe assumiu papel importante nas práticas desportivas locais, fazendo parte da cultura e referência no cenário nacional e internacional, merece, em minha opinião, abordagens mais significativas, tanto no curso de Educação Física da UFSC quanto de outras universidades locais. Quanto ao seu desenvolvimento e potencial, pode-se citar suas características de grande integração com o meio ambiente, atividade de aventura e de intensas manifestações corporais. Portanto, é necessário se pensar novas práticas para oferecer aos graduandos, além de uma pluralidade de experiências corporais que possibilitem novas discussões e conhecimentos mais qualificados. Práticas que promovem experiências e aprendizados corporais distintos àqueles de contato em ambientes artificiais intermediados pelo objeto bola.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Conhecer como o surfe é abordado nos cursos de formação de professores de educação física no Brasil, preferencialmente nas cidades do litoral.

1.3.2 Objetivos específicos

- 🌐 Mapear os cursos existentes de graduação em educação física que oferecem em seus currículos disciplinas que abordam o conteúdo surfe;

- ④ Verificar que conteúdo do surfe é tratado no interior desses currículos;
- ④ Apresentar as perspectivas da abordagem direta do surfe na UFSC e seus desafios.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Formação Acadêmica do Profissional da Educação Física

Desde a década de 80, foram intensificadas as discussões a fim de estabelecer a criação dos parâmetros do curso de Educação Física, que tem sido até hoje tema de muitos encontros. Ainda segundo Filho, 2001:

As reformulações curriculares do final da década de 80 inscreveram-se num quadro multifacetado. De um lado existiam as solicitações do mercado de trabalho que, em termos de qualificação técnica, são extremamente diversificadas. Existem trabalhos que identificam mais de 30 atuações. Este extenso e diversificado leque de atuações possíveis fez com que algumas instituições, de imediato, optassem pela criação de cursos de bacharelado em esporte. Por outro lado houve aquele quadro no qual afirmava novos conhecimentos produzidos, sobretudo, a partir de uma entrada mais decisiva das ciências sociais e humanas no processo de produção de conhecimento no campo de educação física. A necessidade de estes conhecimentos serem absorvidos pelos currículos de formação ficou evidente, em função de avaliações realizadas por alguns pesquisadores, estas demonstraram que acontecia uma formação exclusivamente técnica, não permitindo e nem estimulando uma visão crítica da realidade social/profissional. Ficou claro que este foi o momento de transição, que apontou para a necessidade de uma avaliação mais global das reformulações curriculares.

Neste período regulamentava-se apenas a formação de licenciado em educação física e técnico desportivo. Nestas condições, muitos cursos acabavam por formar professores, licenciados e com características por vezes distantes das necessidades da Educação Física Escolar. Em consequência disto, os futuros professores apresentavam dificuldades em aprender a lidar com algumas situações geradas no contexto escola. Para Taffarel (1993): a despreparação profissional para o confronto com os desafios educacionais presentes cotidianamente na prática pedagógica, toma proporção gigantesca quando consideramos as dimensões do Brasil e os desafios impostos aos educadores.

O propósito de reunir informações acerca do processo de formação do profissional de educação física visa ampliar as possibilidades de entendimento quanto aos diferentes campos de atuação para este profissional, e a partir deste estabelecer relações com as deficiências presentes na composição dos cursos e dos programas

curriculares. Os pressupostos defendidos por FILHO (2001) para a elaboração de projetos curriculares em Educação Física,

Considera que a universidade e o perfil de um profissional formado em nível superior não podem sucumbir à lógica de mercado. É preciso romper essa nova forma de colonialismo, a pesquisa, ensino e extensão devem ser os elementos estruturais constitutivos do projeto acadêmico que visa a instituir cursos de formação, entendidos como espaços prioritários de sistematização, transmissão e produção de conhecimento e intervenção social, para um projeto de formação científica, pedagógica e cultural, prática profissional, voltado para a melhoria da qualidade de vida humana.

2.1.1 Dimensões na formação acadêmica da Educação Física

Na década de 80, autores constataram, com críticas acerca dos objetivos, a precariedade na formação acadêmica em Educação Física e Esportes, licenciatura e bacharelado (Taffarel, 1993). A partir deste momento as modificações e reformulações curriculares seguiriam sempre duas linhas distintas que adotam critérios em relação a habilitação determinada. Segundo Taffarel (1993):

Entre os argumentos utilizados para sustentar a proposta da fragmentação da formação profissional entre licenciatura e bacharelado, encontramos o de que os locais de atuação diferenciada. Outro argumento sustentado, é o de que o licenciado deveria ter predominantemente uma formação pedagógica, e o bacharel, uma formação enfaticamente científica – o que permitiu interpretações equivocadas de que formação pedagógica prescinde da ciência e vice-versa.

Acredita-se que para uma adequada formação do professor é necessário que esta receba subsídios, que faça de preferência o encontro entre a teoria e a prática, suficientes para o exercício da profissão dentro e fora da escola com práticas pedagógicas que contribuam para a transformação do indivíduo. Essas necessidades surgem como fatores que podem contribuir na significação do Trabalho do licenciado. Trazer ao acadêmico, oportunidades que estimulem uma discussão crítica do trato pedagógico na forma de práticas corporais e manifestações da realidade local e cultural.

A perspectiva histórica do currículo configura num meio de transmissão de conhecimentos relacionados a interesses, valores, concepções sociais de uma sociedade e de seu processo histórico constituído. Sendo assim os cursos de licenciatura em educação física procuram uma formação aliando saberes pedagógicos às manifestações da cultura popular e corporal em forma de disciplinas teórico e prática.

2.1.2 As abordagens nas disciplinas de prática esportiva

As modalidades esportivas nos cursos de educação física representam grande porcentagem das cargas horárias nos currículos e, também, tem destaque dentre as disciplinas optativas. As práticas esportivas são meios ao qual o professor de educação física trata da cultura corporal, das próprias reflexões de sociedade de acordo com o contexto que se desenrolar. É o momento em que se é possível levar aos acadêmicos a quebra deste paradigma da dicotomia entre teoria e prática. Segundo o parecer CNE/CP 28/2001 apud SILVA, 2002:

A prática é o próprio modo como as coisas vão sendo feitas, cujo conteúdo é atravessado por uma teoria. Assim, a realidade é um movimento constituído pela prática e pela teoria, como momentos de um dever mais amplo, consistindo a prática no momento pelo qual se busca fazer algo, produzir alguma coisa e que a teoria procura conceituar, significar e com isso administrar o campo e o sentido desta situação.

Desta maneira a interação mais próxima à aplicabilidade dos conhecimentos, da obtenção e significação de valores, nas práticas, são dispostas em três eixos dentro das disciplinas que tratam de modalidades esportivas, sendo eles, segundo BENDO (2006): “dimensões comportamentais do movimento humano, dimensões pedagógicas do movimento humano e a grande maioria no eixo das dimensões das manifestações da cultura do movimento humano”.

Em conseqüência de um crescimento e divulgação de modalidades esportivas com características e peculiaridades em relação às tradicionalmente conhecidas, foram feitos trabalhos que classificassem estas modalidades e as distinguíssem umas das outras em grupos. Estas denominações criam de certa forma uma organização, mas também deixam dúvidas quanto algumas definições. Tubino e Silva (2006) apresentam a seguinte divisão: Esportes tradicionais, Esportes de aventura, Esportes derivados das artes marciais, Esportes de identidade cultural, Esportes intelectivos, Esportes com motores, Esportes com música, Esportes com Animais, Esportes Adaptados, Esportes Militares, Esportes Derivados de outros esportes (p.38). Os autores não trazem a cada denominação uma definição para os leitores, no entanto, caracteriza as tipologias com exemplos de modalidades esportivas que são relacionadas em pesquisas e estudos. Nestas exemplificações, o surfe, compreende uma das modalidades do grupo dos esportes de aventura ou também conhecido por outras denominações, (Lamartine, 2006

/ ZIMMERMANN, 2001), como: esportes radicais, esportes californianos, esportes na natureza, atividades físicas de aventura, etc. Somente para apontar alguns dos equívocos manifestados em tais expressões, Marinho (2004):

As palavras “esporte” e “radical”, por exemplo, tendem a reduzir as práticas em questão a fenômenos que, muitas vezes, nada têm de esportivos (quando se pensa na burocratização e institucionalização das regras, dos espaços e dos objetivos) ou de radical (uma caminhada por um bosque pode ser simplesmente branda e tranqüila). Por sua vez, o adjetivo “física” atrelado à palavra atividade de aventura parece ser, ao mesmo tempo, redundante e dicotômico.

Essas atividades se caracterizam por requererem um contato direto com a natureza e os elementos naturais, de formas distintas e específicas, o que pode causar um despertar para novas sensibilidades em diferentes níveis. Além disso, Spink (2005), coloca que muitas delas podem ser realizadas num *continuum* de risco e marcadas pela imprevisibilidade das ações. Apesar de estas definições serem um tanto superficiais em relação às suas classificações, entre os autores o surfe tem tido um enfoque maior dentre este grupo dos esportes de aventura.

Neste momento é importante ressaltar que o termo “esporte” requer uma atenção quando for utilizado no âmbito da educação física, seja num estudo ou num trato pedagógico. É que neste trabalho entende-se o esporte como um fenômeno de múltiplas dimensões, o que implica em observar como sua evolução se relaciona com fenômenos políticos, econômicos, culturais, sociais, entre outros. Agregando nesta discussão segundo o Coletivo de Autores (92, p.70) apud Bendo (2006), “se aceitarmos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria”. Neste sentido, Capela e Matiello Junior (2005) apud Bacheladenski (2006), assinalaram:

Este (o esporte, situado em prol da libertação e como elemento fundamental da defesa da vida humana) não devia ser ensinado como uma mera copia do esporte de rendimento, mas pensado a partir de transformações didáticas que incorporam novas concepções antropológicas, filosófica e científica, supera o pensamento hegemônico, um tanto quanto elitista e machista e que privilegia a simples reprodução das técnicas e regras do esporte de rendimento.

Para isso, no entanto, sua preocupação não deve estar na formação de atletas ou no desenvolvimento da aptidão física, mas, pelo questionamento (problematização)

das suas atuais formas e manifestações, propiciar condições da sociedade, a iniciar pela garantia do seu direito ao lazer em espaços de qualidade.

2.1.3 Contextualização da Educação Física na UFSC

A partir do ano de 1991, o Centro de Desportos da UFSC adotou o currículo, que habilitava o acadêmico em Licenciatura, e ficaria vigente até o ano de 2006, quando, novamente, houve uma reformulação, porém num outro momento histórico pelo qual a Educação Física passava. Este currículo tinha como objetivo, por meio de uma formação generalista conceder ao profissional graduado em Educação Física o título de licenciado, que o habilita a exercer prioritariamente a função de professor junto aos sistemas de educação escolar e, secundariamente, funções educacionais em opções de trabalho não escolares. O desenvolvimento da competência ao exercício de magistério, balizada no espírito crítico, na originalidade, na sociabilidade e na liderança frente a sua realidade de atuação.

Este currículo, segundo BENDO (2006), apresentava um curso de licenciatura ampliada, que além da formação de Professor em Educação Física, havia a opção de escolha por um dos três aprofundamentos curriculares: Esportes, Educação Física Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Física Especial. A estrutura curricular disponibilizava aos seus alunos, onde me incluo, 3096horas/aula de disciplinas ao todo, constituindo de 2880 H/A de cadeiras obrigatórias na formação acadêmica e 216H/A destinadas a optativas profissionais. O curso, a partir da segunda fase, disponibilizava práticas esportivas obrigatórias na grade, correspondendo a 558H/A do total deste caráter. Apesar de o curso ter essa grande carga horária disponibilizando disciplinas de modalidades esportivas, ele não supriu a necessidade de se quebrar a barreira dos esportes tradicionais e oferecer outras práticas esportivas que pudessem ser a temática das disciplinas e em detrimento das diferentes visões metodológicas dentro da área as práticas acabavam tendo enfoques diferentes e, por vezes, distanciados de uma discussão com a teoria. Neste currículo havia uma disciplina denominada surfe, no entanto não era oferecida. No ano de 2006 este curso, junto com a disciplina surfe entrou em extinção com uma nova proposta curricular de divisão do curso em bacharelado e licenciatura. Segundo De Bem (2009)

O colegiado do curso de licenciatura em Educação Física resolveu designar uma comissão para montar a proposta de reformulação curricular do curso de licenciatura em Educação Física e proposta de criação do Curso de Bacharelado em Educação Física. E assim, considerando a experiência acumulada de três décadas de formação profissionais da área, a capacitação do corpo docente, a ampliação das instalações esportivas, a legislação vigente e o processo de avaliação curricular, realizou-se a reformulação curricular, a partir do primeiro semestre de 2006, com a implantação dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física.

O novo curso de licenciatura em educação física oferece 3024h/aula de disciplinas obrigatórias e 216/aula de disciplinas optativas, totalizando 3240h/aula, tendo o seguinte objetivo:

Formar professores qualificados para intervir, acadêmica e profissionalmente, em instituições públicas e privadas, no componente curricular de educação física da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e médio) e educação profissional. O licenciado em educação física deverá estar capacitado para o pleno exercício profissional no componente curricular da educação básica e profissional em suas exigências gerais, tais como inserção social da escola, domínio de teorias e processos pedagógicos (ensino-aprendizagem) e de teorias do desenvolvimento dos indivíduos em idade escolar". (curso em licenciatura EM Educação Física da UFSC).

As disciplinas obrigatórias que tratam de esportes, ou que fundamentam o ensino destes, totalizam 720h/aula, sendo que o acadêmico deve cursar ainda algumas disciplinas eletivas, de um total de 13 que são oferecidas, ao longo do curso.

Segundo Bendo (2006),

A grade curricular dos novos cursos esta estruturada de forma similar, estando separadas em sete eixos curriculares: dimensões biodinâmicas do movimento humano, dimensões comportamentais do movimento humano, dimensões sócio-antropológicas do movimento humano, dimensões pedagógicas do movimento humano, dimensões científico-tecnológicas do movimento humano, dimensões das manifestações da cultura do movimento humano e dimensões técnico-funcionais aplicadas ao movimento humano.

As disciplinas que tratam dos esportes no curso estão dispostas em três eixos, sendo eles: dimensões comportamentais do movimento humano, dimensões pedagógicas do movimento humano e a grande maioria no eixo das dimensões das manifestações da cultura do movimento humano.

2.2 O Surfe e sua Prática

2.2.1 Suas dimensões e aspectos histórico-culturais

2.2.1.1 Mundialmente

O surfe é uma prática muito antiga. Esta brincadeira nas ondas do oceano está enraizada na cultura dos Polinésios, povos que foram os primeiros colonizadores de boa parte das ilhas do Pacífico. “Os polinésios eram um povo do mar, seus barcos eram extremamente simples, porém muito versáteis e funcionais e, possuía uma enorme habilidade para a navegação. Mesmo sem bússolas, sem compassos e sem grandes embarcações, empreenderam grandes jornadas pelo oceano pacífico, visitando e povoando diversas ilhas da Polinésia. Certamente nessas jornadas, defrontaram-se com ondas e condições de navegação adversas que acabaram culminando em uma profunda sinergia com o mar”.

O Havaí, uma das ilhas da Polinésia, foi aonde o surfe se mostrou pela primeira vez na forma mais próxima do que vemos hoje. Apesar de alguns autores apontarem que a possível resposta da origem do surfe ou de onde se inspirou esta prática esteja nos antigos habitantes costeiros da África Ocidental ou do Peru, que adoravam os arco-íris e as ondas como seus maiores recursos naturais, outras bibliografias atribuem aos havaianos o surgimento da prática, pela forte ligação física e espiritual que estabelecem com o mar.

Segundo Finney (1994), foi no Havaí que o Surfe atingiu seu mais alto grau de desenvolvimento sendo usado como transporte e recreação, mesclando às atividades religiosas, as práticas sexuais e ao sistema de classes sociais. Para os havaianos, o Surfe era o centro de sua vida social e de suas atividades ritualísticas. Além disso, era praticado por pessoas de todas as idades e sexo.

Com a chegada de europeus à ilha no século XVIII, através do navegador inglês James Cook, o surfe entra num momento de declínio que durou aproximadamente 200 anos. Proibido por religiosos europeus que não aceitavam a nudez dos havaianos e a naturalidade com que praticavam o esporte, pois, a prática do Surfe era feita com o mínimo de roupas possível e isso era totalmente contrário às novas restrições impostas pelos calvinistas. A prática dos deuses foi praticamente esquecida em decorrência das

novas influencias e imposições da nobreza européia. Na verdade, o processo de colonização europeu causou o desaparecimento do Surfe, de todos outros esportes e de toda cultura Havaiana. Devido a diversas doenças trazidas pelos Europeus, a população de Havaianos foi quase exterminada.

Até o início do século XX o surfe ainda estava muito esquecido. Dos pouco menos de 10% da população que sobreviveu no Havaí, alguns nativos resistiram e continuavam a prática do surfe em ilhas menos habitadas. Nesta época surgiram alguns clubes de surfistas, nadadores e remadores que o objetivo principal era perpetuar as tradições marítimas do povo havaiano, como a canoagem nas ondas, o Surfe e demais esportes aquáticos. Um clube que se destacou por ser estritamente de havaianos foi o Hui Nalu Group. Deste grupo destacou-se um havaiano, descendente de família real, que até hoje é considerado o pai do surfe moderno por ter sido o principal disseminador da prática do surfe ao mundo. Para Grijó (2004), foi graças a um nativo havaiano, nascido em 1890, chamado Duke Paoa Kahanamoku, um grande entusiasta do surfe e exímio nadador, que o surfe ficou conhecido pelo mundo. Duke foi recordista mundial de natação e ganhou três medalhas de ouro e duas de prata nas quatro olimpíadas que participou. Sua primeira grande conquista foi a prova de 100 metros das olimpíadas de 1912 em Estocolmo na Suécia. A partir daí nas praias onde passava divulgava e mostrava a prática de percorrer em pé as ondas do mar em pranchas que, na época, eram feitas de madeira, pesavam mais de 30 quilos e não tinham quilhas. Segundo DACOSTA, 2006:

“Em 1914, Duke foi convidado pela associação de natação de Nova Gales do Sul, na Austrália, para um evento de natação e faz uma apresentação de Surfe na Praia de Freshwater, ao norte de Sidney, introduzindo o esporte no país. No período de 1922 a 1930 participa em mais de 30 filmes da indústria cinematográfica californiana e torna-se definitivamente uma personalidade mundial, difundindo pelo planeta o estilo de vida dos jovens Surfistas havaianos”.

A partir da década de 30, os jovens californianos se tornaram grandes admiradores e praticantes do surfe. A Califórnia foi crucial no desenvolvimento da modalidade, sendo até hoje um referencial da cultura surfe. O surgimento do skate, inspirado no surfe, e a criação de marcas de surfwear e equipamentos que revolucionaram a época, além do nível técnico da prática voltaram os olhares dos

interessados no surfe para a Califórnia. O cenário mundial do surfe neste período até os anos 70 foi marcado pelas inovações tecnológicas, a disseminação e a busca por ondas de surfe. As pranchas inicialmente ganharam quilhas, que melhoraram a estabilidade em cima da prancha, em seguida a laminação com fibra de vidro e os blocos de espuma conseqüentemente, o que as tornou muito mais rápidas e leves evoluindo o “radicalismo” nas manobras.

Segundo DACOSTA, 2006:

“Em 1960, nasce a primeira revista especializada em Surfe, a revista Surfer, criada por Jonh Severson para promover seu filme de Surfe, “Surfe Fever”, recém lançado. Os filmes de Surfe foram produzidos e consumidos pelos ávidos jovens californianos que começaram a criar um estilo que seria copiado por jovens de todo mundo. Nasce, então, a cultura de praia, o Surfe é espalhado como um vírus pelas praias do planeta, transformava-se numa potencial atividade econômica e num estilo de vida admirado por todos”.

O surfe já virava uma febre em países como US e Austrália. Este último foi onde realizaram o primeiro campeonato de surfe internacional. O campeonato, que aconteceu em Sidney no ano de 1964, abriu outras portas e caminhos para eventos internacionais de grande importância. Neste mesmo ano foi criada a Federação Internacional de Surfe que organizou e promoveu uma maior interação entre os surfistas do mundo inteiro. No final desta década, foi quando iniciou o boom da modalidade. Ganhou investimentos muito altos, e a indústria do surfe entrou no mercado de uma forma muito forte, espalhando alguns costumes e estilo do surfista até mesmo às pessoas que não tem acesso ao mar.

2.2.1.2 O surgimento no Brasil

A costa brasileira, com extensão de aproximadamente 9.000 km, é o grande atrativo e motivador dos praticantes do surfe no país, e também atrai e divulga a modalidade a muitos praticantes estrangeiros. A grande diversidade de nosso relevo, e condições climáticas diferentes possibilita uma variedade de qualidade das ondas, oferecendo verdadeiros paraísos.

As praias brasileiras ganharam os primeiros desbravadores das ondas do mar na década de 30. Segundo Grijó (2004), em Santos/SP um jovem ganhou de seu pai uma

revista científica americana, que ensinava todos os procedimentos para confeccionar uma prancha de surfe de madeira. Depois de 90 dias de empenho, o jovem conseguiu colocar no mar, no verão de 1939, a primeira prancha brasileira de surfe. Trazendo outras considerações sobre os primeiros surfistas do Brasil, DACOSTA, 2006 diz:

“[...] que uma investigação levada a efeito por Marcello Árias embasado também em outros dois pesquisadores, Alex Gutemberg e Diniz Iozzi, ressalta o surgimento do surfe brasileiro neste período, mas com duas vertentes. A primeira, entre os anos de 1934/36, pelo americano naturalizado brasileiro Thomas Rittscher e, a segunda, em 1938, no canal I3 de Santos-SP, por Osmar Gonçalves, acompanhado de Silvio Malzoni e João Roberto Suplicy Haffers. Thomas como o primeiro estrangeiro a surfar no Brasil, e Osmar como o primeiro surfista brasileiro”.

O surfe conquistou muito rápido os brasileiros, principalmente das cidades de Santos e Rio de Janeiro. Sem demorar muito, em relação ao campeonato mundial, o primeiro circuito de surfe no Brasil aconteceu entre os anos de 1966 e 67, mas ainda eram poucos que tinham o privilégio de surfar em pranchas de espuma, que são muito mais rápidas e ágeis para se executar as manobras.

O coronel da Aeronáutica, José Freire Parreiras Horta, iniciou a fabricação de blocos de poliuretano no Brasil, fundando a São Conrado Surfboards, no Rio de Janeiro e, adquiriu, junto a Gordon Clark, a licença para expandir seus blocos de espuma no Brasil até 1972. Esta evolução das pranchas no cenário brasileiro foi incentivando cada vez mais a novos adeptos do esporte. Apesar de que na década de 70 se passava por um momento de repressão e de forte influencia hippie, o surfe ultrapassou os preconceitos que passou e através de eventos e repercussões internacionais dos surfistas brasileiros, além do apoio da Federação Internacional de Surfe ganhou o público e a mídia brasileira, que foi fundamental no apoio a disseminação da modalidade no país(DACOSTA, 2006).

Em **1988**, Fábio Gouveia conquista o título de campeão mundial amador, em Porto Rico e entre **1992 e 1993**, Andréa Lopes, representando o time feminino de surfe brasileiro, conquista a 12ª posição no ranking internacional entrando para o seleto grupo das Top 16 do mundo. Até hoje os surfistas brasileiros se mostram capazes de surfar a altura dos Australianos e Norte Americanos que tem uma cultura mais envolvida e antiga

com o surfe. Estes atletas são espelhos para muitos praticantes, mas não somente para se tornar o atleta e sim para ter a condição de encarar as ondas surfadas por eles.

2.2.1.3 Nas ondas da Ilha da Magia

A ilha de Santa Catarina apresentando boas condições para o surfe com uma variedade de 18 picos de ondas entre as 42 praias, sempre foi um local onde os surfistas brasileiros procuram. A relação dos nativos e moradores da ilha com o mar é muito forte e pode ser um fator de influencia pela grande adesão a prática. Foi na década de 70, que surgiram os primeiros surfistas “manézinhos” inspirados com o fato de deslizarem nas ondas. São nomes como Celso Ramos Neto, Niltinho Ramos, Jaime Ramos, Toninho Ramos, Edson Pires, Ricardo Schroeder, os irmãos Correia (Paulo, Geraldo e Eugênio), Alberto Rodrigues (Betinho), Luciano e Eduardo Paulo Colaço que fazem parte da primeira geração de surfistas da Ilha de Santa Catarina.

Segundo FETEIN, 2006:

“A primeira geração de surfistas foi puramente amadora, sem gana de ganhar dinheiro com o surfe nem largar a faculdade ou a profissão em virtude do esporte. No início, eles não entendiam bem qual era a verdadeira forma de surfar, apenas curtiam aquele momento de deslizar sobre a espuma. Era algo diferente, que os fascinava. Porém, a dificuldade em adquirir novos equipamentos fomentou o intercâmbio entre os surfistas, que se deslocavam de suas cidades de origem em busca de novidades”.

A Associação Catarinense de Surfe (ACS) foi fundada em 1980, e que em 1987 passou a ser reconhecida como Federação Catarinense de Surf (FECASURF), com a realização do Circuito Catarinense, totalizando quatro etapas. Em **1982**, Floripa é palco do Primeiro Festival Olympikus de Surfe, na Praia da Joaquina. Evento nacional que contou com a participação de 116 atletas, marcando uma nova safra de grandes eventos mais bem estruturados (DACOSTA, 2006). Florianópolis acabou se tornando um objetivo para muitos surfistas à procura de ondas e um lugar de natureza única. Diversos surfistas conhecidos se mudaram para a ilha e motivaram uma nova geração conectada ao surfe.

2.2.2 O cenário esportivo mundial do surfe

O surfe se tornou uma das modalidades mais praticadas no mundo. Locais em todos continentes já foram surfados e explorados por surfistas. Este fato contribui para uma grande procura, por centenas de pessoas, em busca destes *picos*¹ com ondas perfeitas, pouco surfadas e, muitas vezes, com uma natureza exuberante e pouco degradada pelo ser humano.

A Austrália é um dos principais locais procurados pelos surfistas. Este país representa uma das maiores potencias do surfe no mundo. Ele compreende um território ocupando uma área muito parecida com a do Brasil, no entanto, possui pouco mais de 10% da população de nosso país, concentrando a maior parte do povo no lado leste e distribuindo condições perfeitas e diversas para o surfe por todos os cantos. Além disso, os Australianos contribuem ao surfe sendo grande produtor de conhecimento no tema e desenvolvimento de pesquisas de áreas da engenharia.

O ranking do campeonato mundial, *World Championship Tour (WCT)*, que conta com os melhores 41 surfistas, tem 21 australianos na disputa neste ano de 2010, de acordo com o site da Associação Profissional de Surfe (ASP). O atual campeão mundial também é natural da Austrália, Mick Fannig. No entanto, o maior campeão de todos os tempos, considerado como o fenômeno do esporte, Kelly Slater, é norte americano. Desde 1992 quando ganhou seu primeiro título, aos 20 anos, vem contribuindo ao cenário do surfe com a elevação do nível do surfe a outro patamar, nas produções de filmes, motivando uma geração inspirada nele, etc.

O circuito mundial, regulado pela ASP, é separado em dez etapas que são distribuídas em locais diferentes considerados entre os melhores *picos* para o surfe do mundo. A etapa brasileira, há cinco anos, acontece em Santa Catarina, na praia da Vila em Imbituba. Neste ano, Jadson André venceu na praia da Vila, ficando entre os quatro no ranking. Além dele, Adriano de Souza, Neco Padaratz e Marco Pólo participam do campeonato. Entre as mulheres, Silvana Lima e Bruna Schimitz são expressivas no campeonato. O acesso a esta primeira divisão do surfe mundial, acontece no World Qualifying Series (WQS). Estes campeonatos são organizados pelas empresas específicas para o surfe, que crescem cada vez mais.

¹ Gíria utilizada entre os surfistas para referir a um local ou lugar.

A indústria de *surfwear*², que em sua maioria das marcas também fabricam equipamentos e acessórios, foi um dos segmentos que mais cresceu nos últimos dez anos. No Brasil, o surf movimenta cerca de R\$ 2 bilhões ao ano e emprega direta e indiretamente, cerca de 140 mil pessoas, segundo estimativas do mercado nacional. No entanto, segundo P ARPINELLI.(2007).em.uma.pesquisa.desenvolvida.pelo departamento de marketing da Quiksilver brasileira, os consumidores encaixam-se no seguinte perfil: A maioria dos consumidores do *surfwear* é simpatizantes, que representam 95%, enquanto os praticantes resumem-se a 5% do total. Com a profissionalização aumentando continuamente, os surfistas e as marcas, patrocinadores, investiram na preparação dos atletas com profissionais de áreas como fisioterapia, medicina, nutrição, educação física. Dentre as atividades econômicas diretamente associadas ao surfe inclui-se a fabricação de equipamentos e acessórios, oficina de reparo e confecção de pranchas, lojas de equipamentos e acessórios novos e usados, escolas, campeonatos, centros de treinamento e formação de surfistas profissionais e os serviços, mídia impressa e televisionada. Alguns setores são beneficiados indiretamente como o turismo ou ecoturismo como tem sido referido, academias que recebem muitos surfistas dispostos a melhorarem seu condicionamento para o surfe. Silva (2005), destaca ainda o forte movimento atualmente disseminado na música surf. Com um estilo bem marcado e letras falando de amor, ondas e natureza. São várias as possibilidades de atuação para profissionais de diferentes competências de surfe. Este crescimento, portanto, pode trazer benefícios a sociedade em oportunidades e novos setores de atuação.

2.2.3 A interação do praticante com o meio ambiente

O surfista tem uma relação íntima com a natureza. Desde os pioneiros do esporte este laço vai além da prática. A produção científica que trata desta temática, surfe e meio ambiente, é escassa. No entanto, a modalidade esportiva é muito referida em trabalhos sobre atividades na natureza e, recebe um destaque que pode agregar a esta afirmação sobre a conexão com o meio ambiente. O surfe é a principal atividade difundida no período de marco das práticas na natureza (MARINHO, 2004).

² *Surfwear* é o segmento de mercado do surfe que trabalha especialmente com roupas, mas em sua maioria também produzem e comercializam acessórios.

Surfar requer um entendimento das condições climáticas, de correntes e de marés. Cria-se uma relação mais próxima com a natureza, compreendendo algumas dinâmicas do ecossistema marinho e costeiro, além de se perceber como parte dele. O surfista se depara com experiências no meio natural que podem transformar sua consciência ecológica. Bruhns (1997) salienta que a experimentação dessas novas emoções e sensibilidades poderá conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. A busca por boas ondas com tranquilidade para surfar, faz com que os surfistas procurem praias mais desertas, só acessíveis por trilhas, que seja necessário acampar. Por estes motivos, uma grande força vinda dos surfistas contribui muito com os manifestos contra a degradação do meio ambiente. As intensas manifestações corporais aí vividas, permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos como parte desse meio (MARINHO, 2001 apud Bruhns, 1997). Neste mesmo sentido, Gorayeb (2003) salienta que:

O processo de urbanização desordenada e acelerada dos ambientes costeiros com a eliminação das espécies de flora e fauna causa uma modificação permanente desses ambiente, e a ineficiência da fiscalização pelas autoridades competentes nesses ambientes, culminou na participação de novos atores no processo de gestão ambiental da zona costeira, entre eles os surfistas.

E como escreveu Bill Hamilton em 1971: “Só pelo fato de surfarmos ondas do oceano, temos uma grande responsabilidade para com o futuro e a preservação do meio ambiente”.

Segundo.Dacosta.(2006),.a.consciência.ambiental.aumentara.dentro.da população do surf desde meados dos anos 60. Nesta época, nasceu o movimento *Save Our Surf*, visando as questões de acessibilidade de praias, derramamentos de petróleo, propostas de portos, desenvolvimentos costeiros, poluição das águas do oceano e outros assuntos. Além de muitas outras iniciativas destaco aqui o movimento SOS Gravatá em Florianópolis, SC, que conta com uma frente muito forte da Associação de Surfistas da Praia Mole (ASPM), em manifesto às tentativas de implantação de um empreendimento no canto do Gravatá o que refletiria em impactos ambientais imensos ao local. A revista *Alma Surf* divulgou neste ano corrente (2010), o 6º *International Surfing Day* reúne surfistas do mundo todo em uma celebração às ondas, praias e oceano, promovido pela *Surfrider Foundation* e *Surfing Magazine* e como parte das

comemorações, já faz parte da tradição que os surfistas retribuam aos oceanos, ondas e praias através de mutirões de limpeza e projetos de restauração promovidos pela *Surfrider Foundation*. É importante perceber, de acordo com estas iniciativas e informações, que a prática do surfe envolve uma série de valores de preservação e respeito a natureza que podem ser fatores determinantes nos reflexos de nossos atos.

2.2.4 O Surfe na promoção da saúde

A prática do surfe pode promover uma série de mudanças fisiológicas ao praticante. É uma modalidade que apresenta uma grande variedade de movimentos com níveis de dificuldades variados e, dependendo da condição do mar, exige um condicionamento físico bom a muito bom, bem como equilíbrio emocional e concentração. A partir disto, Matsudo & Matsudo (2000) apud Assumpção (2002), afirmam que os principais benefícios à saúde advindos da prática de atividade física, referem-se aos aspectos antropométricos, neuromusculares, metabólicos e psicológicos. Estudos sugerem que praticar atividades corporais regularmente beneficia nosso funcionamento orgânico e sensação de bem estar que refletem em melhorias em nossas vidas, prolongando a expectativa e diminuindo o risco a doenças crônicas degenerativas.

Steinman (2003), se referindo ao modo de vida dos surfistas e das sensações e relações que a prática dessa modalidade proporciona, afirma que o surfe é, sem dúvida, uma força curativa, um esporte capaz de prolongar e melhorar a qualidade de vida. Apesar de estas informações terem relevância a questões fisiológicas do organismo, a falta de um consenso em torno de sua definição tem levado muitos estudiosos a empregar o termo “qualidade de vida” de forma reduzida e indiscriminada (Minayo, 2000; Pires et al., 1998 apud Bacheladenski, 2006), desconsiderando sua riqueza e complexidade. Geralmente, associam-no ao conceito restrito de saúde, no sentido de ausência de doenças e de bem-estar físico (Fleck *et al.*, 1999 apud Bacheladenski, 2006).

Complementando, o autor afirma que o ser humano não pode ser reduzido à dimensão biológica, pois é fruto de um processo e de relações sociais bem mais amplas e abrangentes.

Neste sentido, saúde e qualidade de vida são vistas além da ausência de doenças. O acesso à praia, as condições para se ter os equipamentos para o surfe, a disponibilidade para se praticar levando em consideração o tempo trabalhado e livre e as diferenças sociais, entre outras, são determinantes nas condições de qualidade de vida e saúde.

Segundo Bacheladenski (2006):

Parâmetros subjetivos (bem-estar, felicidade, amor, prazer, inserção social, liberdade, solidariedade, espiritualidade, realização pessoal) e objetivos (satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade: alimentação, acesso à água potável, habitação, trabalho, educação, saúde e lazer) se interagem dentro da cultura para constituir a noção contemporânea de qualidade de vida.

Percebendo estes aspectos diversos que constituem toda a discussão sobre saúde e promoção desta, sem culpabilizar as pessoas pelos problemas de saúde, relevo a importância de incentivar a prática do surfe no sentido de se tornar parte do processo de promoção da saúde em dimensões diferenciadas, não somente biológica. Ressalvo, a partir do trabalho de Gorayeb (2003), que o surfista tem papel importante na proteção do meio ambiente. Além disso, Steinman (2003), também coloca que o surfe atua favoravelmente na integração comunitária da criança e do adolescente, despertando sua responsabilidade para com a ecologia, estimulando sua consciência para importância da saúde física, mental e espiritual.

2.2.5 O potencial do surfe no âmbito educacional: aspectos pedagógicos

A grande procura pelo surfe no litoral brasileiro por turistas e novos moradores de cidades próximas ao mar, desencadeou numa criação de escolas de iniciação ao surfe. A procura por estes locais não tem distinção de idade nem sexo, elas se caracterizam por atenderem todos os públicos. O número destas escolas tem aumentado muito, dando uma contribuição para o turismo e possibilidades de emprego para professores de educação física, ou ex atletas de surfe e *freesurfers*³ para a demanda das escolas.

No caso de Florianópolis a prefeitura já dá um devido apoio fiscalizando e

³ Este termo se refere aos praticantes que não participam de campeonatos. Atualmente, existem *freesurfers* famosos por consagrarem seu estilo de surfe mundialmente e representarem a figura do surfista, que seguem com apoio e patrocínios, o que ampliou o sentido da palavra. Este modelo de surfista também virou profissão.

regulamentando.as.escolas,.contribui.com.equipamentos.e.estrutura.para.os.licenciados.

Quanto às propostas pedagógicas, NETO (2005),

Depara-se com uma diversidade de temas, conteúdos e práticas que são associados ao ensino dos gestos específicos do surfe. Estas são abordadas por profissionais especializados ou orientados de acordo com a formação prévia do instrutor. Sendo o surfe um esporte que envolve saberes oriundos de várias disciplinas requer, além dos fundamentos técnicos do esporte, que o praticante amplie seus conhecimentos referentes a correntes, ventos, marés, ciclos de pressão atmosférica, relações entre aspectos físicos e humanos, equilíbrio dos ecossistemas e seu reflexo na qualidade em nossas vidas.

No entanto, vale ressaltar que estes dados referem-se à proposta das escolas de surfe e nem sempre os novos aprendizes mantêm uma regularidade para entenderem todos estes conhecimentos, mesmo assim, já acontece um primeiro contato e de experimentação da prática. O autor também cita temas como primeiros socorros no mar, alimentação, preparação física, ética e educação ambiental, fazem também parte do universo das escolas de surfe. Novamente, estes são temas que os professores devem ter bastante bagagem teórica e pratica e os praticantes sazonais terão algumas abordagens específicas, mas, principalmente, serão contemplados de uma didática com base em conhecimentos mencionados acima.

A inserção do surfe como conteúdo em aulas de Educação Física escolar começou na Austrália, em meados da década e 80, como forma de motivar e evitar a evasão escolar de escolas públicas (NETO, 2005). No Brasil, encontram-se algumas iniciativas que acontecem em escolas particulares, principalmente no Rio de Janeiro/RJ; e, em escolas públicas, como Ubatuba/SP, onde desde 1997, o surfe foi incluído no currículo de Educação Física das escolas.

Segundo FEITEN (2006), em Florianópolis, na praia dos Ingleses, há um projeto de aulas de surfe na Escola Santa Terezinha, ministradas na Escolinha de Surf do Costão do Santinho. Tem como objetivo proporcionar ao aluno uma ambientação ao meio líquido e aos equipamentos, desenvolver as técnicas do surfe e manter o condicionamento físico do aluno, onde o mesmo irá aprender a surfar de maneira lúdica e prazerosa. Não há limite de idade e a principal preocupação tange na segurança na prática das atividades. São duas propostas de caráter diferente. O primeiro levou o surfe para sala de aula, construindo uma proposta dentro do currículo escolar, enquanto o segundo projeto traz a oportunidade da modalidade extra-classe para os alunos. Ou

ainda, em outros casos, inserido como conteúdo das aulas de Educação Física de forma fragmentada, onde o aluno opta por realizar apenas as atividades (normalmente modalidades esportivas) que lhe atraem.

Também em Florianópolis, foi elaborado um programa educacional, intitulado “Projeto surfando na Escola”, tendo essa modalidade esportiva como elemento de contribuição para o desenvolvimento das valências que envolvem a formação do público infanto-juvenil e auxiliando no processo interdisciplinar, atingiu escolas públicas e particulares, envolvendo crianças e adolescentes entre 10 e 16 anos da cidade. Segundo NETO (2006):

[...] dentre os objetivos específicos compreendidos, cita-se: o desenvolvimento das qualidades físicas básicas, as habilidades específicas do surf, a segurança no mar, a consciência ambiental..Através das atividades realizadas, constatamos uma forte cumplicidade formada entre alunos, equipe técnica e natureza. Estar envolvido em uma atividade que nos revela sensações diversas a todo o momento, nos une em uma relação que se confunde no afeto no companheirismo, na responsabilidade com o próximo e com a natureza, e nos torna mais capazes de conviver em sociedade, sem que necessite de um resultado final para se alcançar os objetivos pré-estabelecidos.

No entanto, o surfe dentro do ambiente escolar tem constituído um processo demorado e desvinculado às teorias didático-pedagógico da educação. De acordo com MARTINS (2008), mais especificamente nas aulas de Educação Física, os conteúdos devem condizer com a realidade da cultura corporal presente naquela comunidade ou localidade, já que as especificidades dos indivíduos diferenciam-se de acordo com as características ambientais em que estes se constituíram. Portanto, o surfe acaba por constituir um ótimo conteúdo para se trabalhar nas aulas de Educação Física em escolas de cidades litorâneas, por ser, o mar, uma realidade presente no dia-a-dia do indivíduo residente em proximidades de praias.

Nesta perspectiva me direciono a Marinho (2004), se referindo as práticas junto a natureza que aqui focalizo no surfe, quando fala que na Educação Física:

particularmente pode, por meio de experiências na natureza (ou seja, fora das quadras de cimento, dos ginásios poli esportivos, das piscinas, dos campos de futebol, etc.), potencializar suas estratégias de ação para desenvolver, nos alunos, suas habilidades motoras, capacidades físicas e até mesmo, muitos fundamentos esportivos específicos bem como satisfazer uma variedade de objetivos educacionais, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

Para o delineamento deste estudo, foram consideradas as seguintes esferas de análise da pesquisa: quanto aos objetivos, os procedimentos e à abordagem do problema. Segundo Raupp e Beuren (2003), o delineamento da pesquisa implica a escolha de um plano para conduzir a investigação. Dessa seleção de caminhos alternativos decorrem algumas limitações. Desse modo, novos problemas podem ser identificados em função das limitações metodológicas impostas, bem como dos próprios resultados obtidos na pesquisa realizada.

Acerca dos objetivos foi adotada a pesquisa exploratória por proporcionar o aprofundamento de um assunto pouco esclarecido em trabalhos anteriores. Assim, contribui para definir conceitos e discutir questões abordadas superficialmente até então. Ao se referir a pesquisa exploratória, Andrade (2002) *apud* Raupp e Beuren (2003), resalta algumas finalidades primordiais, como: proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema de pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses; ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto. À medida que o estudo integre alguma(s) dessas finalidades, estará caracterizada a pesquisa exploratória.

Quanto aos procedimentos, que foram utilizados na pesquisa, parte essencial no estudo, pois se referem à maneira pela qual se conduz, foi adotado a análise documental. A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANE, 2009). Este tipo de pesquisa favorece novas possibilidades de estudo e discussões, pois visa selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, buscando extrair dela algum sentido e introduzir-lhe algum valor (SILVA; GRIGOLO, 2002 *apud* RAUPP; BEUREN, 2003). Para a análise documental optou-se por uma abordagem do problema de cunho qualitativo.

Nesta tipologia de abordagem de pesquisa, concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último. (RAUPP; BEUREN, 2003).

Inicialmente foi feito uma busca em banco de dados da Biblioteca Universitária da UFSC (BU), Biblioteca setorial do Centro de Desportos (CDS) e do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), para fundamentar e basear o estudo, além de absorver e aprofundar o máximo possível sobre o assunto para deixar mais claro. O levantamento de dados sobre as universidades do Brasil e seus respectivos currículos foi feito a partir de busca via internet, prioritariamente pelo sítio do MEC e, com suporte no sítio do Portal Mundo Educação Física.

No começo da pesquisa, foi organizada uma tabela onde constava a quantidade de cursos de Educação Física por estado brasileiro, que abriu o caminho a selecionar os estados costeiros e expor as instituições nas respectivas localidades e a habilitação do graduado. Depois disto, através de pesquisas no interior dos sítios das instituições, em busca dos currículos, foi possível procurar por disciplinas com características onde o surfe se enquadra que teriam uma abordagem sobre a modalidade, como por exemplo, relacionadas a atividades de aventura, radicais, aquáticas, na natureza, de praia. Além disso, se alguma disciplina levasse o nome SURF já seriam coletadas as informações. Lembrando que não foi descartado as optativas, nem eletivas bem como algumas iniciativas de cursos com oficinas, mesmo não tendo a oferta da disciplina. Procurei conhecer os cursos de Educação Física que foram pioneiros em abordar o assunto, fato que se tornou de minha apropriação depois de leitura de alguns trabalhos. Em seguida, iniciou-se a pesquisa aos cursos restantes, estado por estado do sul ao norte do país. Foram enviados emails aos coordenadores, quando disponível, ou enviado mensagem via site para a entidade pedindo mais esclarecimentos sobre as disciplinas e também fazendo uma pergunta se existe a abordagem, caso durante a pesquisa no site não fosse possível a visualização do currículo ou das ementas.

Durante o estudo me deparei com algumas dificuldades de acesso aos sites e aos currículos que, ora não tinham as ementas, ora nem mesmo o currículo era apresentado na estrutura do sítio, mas, principalmente o que mais chamou a atenção foi o retorno das mensagens via correio eletrônico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Mapeando a abordagem acerca do surfe nos cursos de Educação Física

Segundo sítio do Ministério da Educação, atualmente no Brasil, estão em funcionamento 478 (quatrocentos e setenta e oito) cursos de graduação em educação física, distribuídos por todos os estados federativos. Em sua maioria, os cursos se concentram nas regiões sul e sudeste, destacando-se, principalmente, o estado de São Paulo, que sozinho dispõe de 127 instituições. Como se pode observar, no quadro abaixo, onde apresentamos o número de universidades e faculdades existentes e sua distribuição por Estados (Figura 1)

REGIÃO	ESTADO	NÚMERO DE INSTITUIÇÕES
SUL	RS	26
	SC	24
	PR	42
SUDESTE	SP	127
	RJ	30
	ES	12
	MG	72
NORDESTE	BA	25
	SE	3
	AL	4
	PE	11
	PB	4
	RN	4
	CE	14
	PI	5
	MA	7
NORTE	PA	5
	AP	3
	RR	2
	AM	7
	AC	2
	RO	6
	TO	3
CENTRO-OESTE	GO	13
	MT	14

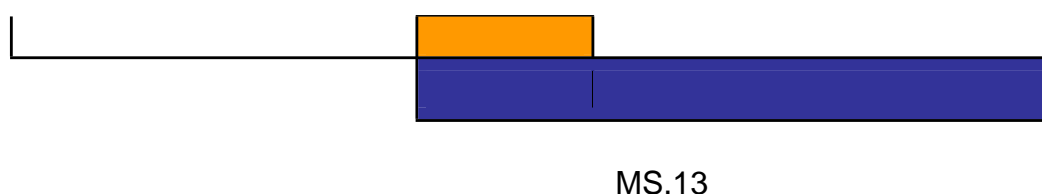


Figura 1.

Foram mapeadas 75 (setenta e cinco) instituições de ensino superior, que oferecem graduação em educação física, localizadas em cidades do litoral brasileiro.

Dos estados investigados, o estado do Rio de Janeiro concentra 20% destes, totalizando 15 graduações, distribuídos em seis cidades. Destacam-se, também, os estados da Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Ceará e Pernambuco, por apresentarem mais de cinco.

O quadro a seguir (Figura 2) mostra a localização e distribuição das universidades e faculdades de Educação Física localizadas no litoral dos vários estados da federação, classificadas em privadas ou públicas.

ESTADO	Cidade	Instituição	Modalidade	
RS	Torres	ULBRA	Privada	
	Rio Grande	Fundação Universidade Federal do Rio Grande	Pública Federal	
		Escola Superior de Criciúma	Privada	
	SC	Criciúma	UNESC	Pública Municipal
		Florianópolis	UDESC	Pública Estadual
		Porto Belo	Faculdade Porto das Águas	Privada
Tubarão			UNISUL	Pública Municipal
SP	Palhoça	UNIVALE	Privada	
	Caraguatatuba	Centro Universitário Módulo	Privada	
		UNIMONTE	Privada	
	Santos	Universidade Federal de São Paulo	Pública Federal	
	Santos	Universidade Metropolitana de Santos	Privada	
		Universidade Paulista	Privada	

			33
RJ		Universidade Santa Cecília..Privada	
	Guarujá.	Universidade de Ribeirão Preto.Privada	Belford
	Roxo..	Centro Universitário ABEU..Privada	Centro Universitário
		Augusto Motta.Privada	
		Centro Universitário Celso Lisboa.Privada	
		Centro Universitário Metodista Bennett.Privada	
	Rio de Janeiro	Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos.Privada	
		Universidade Estacio De Sá.Privada	
		Universidade Gama Filho	Privada
		Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	Publica Estadual
		Universidade Federal do Rio de Janeiro.	Publica Federal
	Cabo Frio.	Universidade Veiga de Almeida.Privada	
		Faculdades Integradas Maria Thereza.Privada	
	Niterói	Universidade Estacio de Sá.Privada	
	Universidade Salgado de Oliveira.Privada		
ES	Pavuna.	Faculdade Mercúrio.Privada	
	Nova Iguaçu.	Universidade Iguaçu.Privada	
		Faculdade Estácio de Sá.Privada	
	Vitória	Faculdade Salesiana de Vitória.Privada	
		Faculdades Integradas São Pedro.Privada	
	Vila Velha.	Centro Universitário Vila Velha.Privada	
	Linhares.	Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração	Privada
Guarapari.	Faculdades Unificadas Doctum De Guarapari	Privada	
BA.Salvador	Nova Venécia	Universidade Federal do Espírito Santo.	Publica Federal
		Universidade Católica do Salvador.Privada	
	Centro Universitário Jorge Amado.Privada		
	Faculdade Delta.Privada		

			34
		Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC. Privada	
		Faculdade Regional da Bahia. Privada	
		Faculdade Social da Bahia. Privada	
		Universidade Federal da Bahia. Pública Federal	
	Lauro de Freitas	Faculdade de Ciências Agrárias e da Saúde	Privada
	Ilhéus	Universidade Estadual de Santa Cruz. Pública Estadual	
SE. Aracajú		Universidade Tiradentes. Privada	
		Universidade Federal de Sergipe. Pública Federal	
		Faculdade de Alagoas. Privada	
AL. Maceió		Instituto Batista de Ensino Superior de Alagoas. Privada	
		Universidade Federal de Alagoas. Pública Federal	
		Faculdade Boa Viagem. Privada	Faculdade
		Maurício de Nassau. Privada	Faculdade Salesiana do Nordeste. Privada
PE. Recife		Universidade de Pernambuco. Pública Estadual	
		Universidade Federal de Pernambuco. Pública Federal	
PB. João Pessoa		Universidade Salgado de Oliveira. Privada	
		Universidade Federal da Paraíba. Pública Federal	
		Centro Universitário de João Pessoa. Privada	
RN. Grande do Norte	Mossoró	Universidade do Estado do Rio	Pública Estadual
	Natal	Universidade Potiguar. Privada	
		Faculdade Católica do Ceará. Privada	
		Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. Privada	
		Faculdade Integrada do Ceará. Privada	
CE. Fortaleza		Universidade de Fortaleza. Privada	Universidade

Estadual do Ceará. Pública Estadual Universidade Federal do Ceará. Pública Federal

			35
PI.	Parnaíba.	Universidade Estadual do Piauí.	Pública Estadual
MA.	São Luiz	Centro Universitário do Maranhão.	Privada
		Universidade Federal do Maranhão.	Pública Federal
PA.	Belém	Universidade do Estado do Pará.	Pública Estadual
		Escola Superior da Amazônia.	Privada

AP.Macapá.Centro de Ensino Superior do Amapá.Privada

Figura 2.

Na coleta dos dados houve dificuldades em doze dos sítios de cursos investigados o que, de certa forma, diminui as possibilidades de eficiência nesta coleta. Entre os problemas foi encontrado em alguns destes sítios a indicação “manutenção” onde seria aberta a janela da matriz curricular e até mesmo no sítio o currículo, ou não era disponibilizado a grade e num dos casos (Faculdade Delta) nem mesmo abriu o sítio. Para ampliar as possibilidades de conhecimento das grades e disciplinas, foi enviado um email a todos os respectivos coordenadores. Dentre os emails enviados, oito não estavam ativos e, vinte e oito das instituições retornaram com mensagem positiva ou negativa. Das escolas superiores investigadas (Figura 2), trinta e três delas o surfe não ganha abordagem específica como disciplina e nem em disciplinas afins. É interessante ressaltar que nestes cursos, que não tinham perspectivas no ensino do surfe, algumas grades curriculares constavam Esportes de Aventura, ou na natureza, ou aquáticos que, tem características em comum com a prática do surfe, no entanto, por resposta de email ou via ementas no site a modalidade não participava do cronograma.

Entre os setenta cursos, dezessete destes, todos com o currículo disponível no site, apresentaram as disciplinas onde o surfe pode também ser parte do conteúdo, contudo as ementas não eram disponibilizadas e/ou não foi respondido o email que fazia a busca por conteúdos. Estas instituições, portanto, mostram informações parciais, e os coordenadores não tem costume de responder correio eletrônico, o que dificulta a integração e socialização entre as escolas.

Das investigações feitas, serão alvo das principais discussões do estudo apenas oito instituições que tem alguma abordagem teórica e prática sobre o surfe em disciplinas. Destes cursos, foram disponibilizadas informações via correio eletrônico, na

sua maioria o email foi enviado ao coordenador que encaminhou aos professores responsáveis pelas disciplinas que contemplassem a modalidade.

Como pode verificar no quadro a seguir (Figura 3), que especifica a instituição, a dimensão do curso, a disciplina onde ocorre a abordagem do surfe e o caráter dela, foram constadas doze disciplinas, distribuídas em oito instituições nos estados do Rio Grande do Sul (1), Santa Catarina (2), São Paulo (1), Rio de Janeiro (1), Bahia (1), Ceará (1) e Alagoas (1). Apesar de que o estado de Santa Catarina ser onde se encontra mais cursos de educação física que tratam do surfe, somente nas Universidades Santa Cecília, em Santos, e a Católica do Salvador disponibilizavam em suas grades curriculares disciplinas específicas de surfe, sendo uma obrigatória e a outra optativa, respectivamente. Nesta última, apesar de ter em seu currículo a disciplina, o coordenador, respondendo o correio eletrônico, informou que ela não está mais sendo oferecida por se tratar de uma modalidade que tem um custo adicional para o aluno (barco, equipamento), visto que é uma instituição privada. Além disso, dentre estes oito cursos somente dois pertencem a centros de Universidades Federais, sendo que a UFSC iniciou a disciplina em 2006, “Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura”, na reforma curricular. Outras iniciativas ficam por conta de instituições privadas e da UNISUL (sem fins lucrativos). Quanto à habilitação fornecida, quatro delas oferecem as duas graduações, Bacharelado e Licenciatura, três tem unicamente a Licenciatura e apenas uma tem seu foco no bacharelado.

As disciplinas que abordam o tema podem ser divididas em cinco: pedagogia do surfe I e II, esportes de aventura na natureza (5), esportes aquáticos (1), esportes de praia (1), modalidades complementares (2).

TABELA DOS CURSOS COM DISCIPLINAS QUE ABORDAM O SURFE			
Faculdade de Alagoas	Licenciatura/ Bacharelado	Esportes na Natureza.Optativa	
Fundação Universidade Federal do Rio Grande.	Licenciatura.	Esportes Aquáticos.Optativa	

Universidade Católica do Salvador.
Licenciatura.Surfe (Aperfeiçoamento).Optativa

Universidade de Fortaleza.Bacharelado.Esportes com a Natureza.Optativa

			37
		Modalidades Complementares I.Obrigatória	
Universidade do Sul Catarinense	Licenciatura/Bacharelado	Modalidades Complementares II.Obrigatória	
		Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura	Obrigatória
Universidade Federal de Santa Catarina	Licenciatura/Bacharelado.	Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura	Obrigatória
Universidade Santa Cecília.	Licenciatura Plena	Pedagogia do Surfe I.Obrigatória	
		Pedagogia do Surfe II.Obrigatória	
Universidade Veiga de Almeida	Licenciatura/Bacharelado	Metodologia de Ensino dos Esportes de Aventura	Obrigatória
		Metodologia de Ensino dos Esportes de Praia.Obrigatória	

Figura 3.

4.2 Conhecendo as Disciplinas por instituição

A forma como foram analisadas as disciplinas que abordam o surfe dentro dos cursos de Educação Física, se ateuve às ementas e planos de ensino (quando disponibilizados). Esta parte do estudo apresenta os conteúdos que são discutidos e praticados em aula, bem como os objetivos das disciplinas.

4.2.1 Universidade Federal de Santa Catarina

A UFSC a partir de 2006, ano que aconteceu a última reforma curricular no curso criando duas formações (Bacharelado e Licenciatura), ofereceu a disciplina obrigatória, às duas grades curriculares, Teoria e metodologia dos esportes de aventura. É ministrado pelo professor John Peter Nasser e propõem o estudo das Atividades físicas na natureza, de aventura e de equilíbrio na educação ambiental: classificação e perspectivas de intervenção. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes atividades físicas ao ar livre. Prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.

A abordagem do surfe na disciplina normalmente conta com a participação de um profissional que já é professor da modalidade para contribuir e viabilizar as aulas práticas. Além disso, são apresentados aspectos históricos do surfe e fatores determinantes para a prática.

4.2.2 Fundação Universidade Federal do Rio Grande

A dimensão deste curso é licenciatura. Esta é única universidade que aborda o surfe numa disciplina de esportes aquáticos, visto que muitas outras instituições apresentavam até mesmo as ementas e a características das disciplinas que tinham este nome era o ensino e aprendizado da natação, com algumas variações acrescentando hidroginástica e atividades recreativas na piscina. É importante ter clareza ao dar nome as matérias, pois a mesma pode ter mais de um sentido ou até mesmo ser relacionada a mais de uma modalidade esportiva como neste caso. A palavra Aquático se refere a água, portanto acredito que as disciplinas que leve este nome deva abranger bem os conteúdos compreendendo atividades no meio aquático em geral, seus benefícios ao praticante e sua relação com a cultura local.

Quanto à ementa da disciplina, o coordenador do curso diz [mensagem pessoal]: A Educação Física e sua interface com o meio ambiente: conceitos, princípios, campos de aplicação, tipos de práticas, capacidades e habilidades demandadas, assim como equipamentos e normas de segurança. Inclusão pedagógica de atividades físico-esportivas em ambientes naturais desenvolvidos a partir de uma abordagem eco-educativa.

Foi ressaltada a questão da ecologia ligada a proposta pedagógica que é vivenciada e/ou discutida durante a disciplina. Esta temática do meio ambiente e a relação com a educação física deve ser parte dos debates acadêmicos em todas as universidades de forma a criar embasamentos para se incorporar nas atividades desenvolvidas a problematização de nosso papel ou atitudes nesta crise ambiental que se instalou no mundo.

A partir do contato feito com a coordenadora do curso, foi informado que dentro do conteúdo programático da disciplina o surfe é estudado em três unidades (4ª, 5ª e 6ª), porém o plano de ensino não foi disponibilizado pela coordenação tornando o conhecimento dos conteúdos específicos do surfe que são abordados dentro destas unidades. Mas, dentre os cursos que a modalidade é tratada no programa esta disciplina apresenta um envolvimento que parece durar mais que as outras por ser estudado em mais de uma unidade e ser conteúdo único da mesma.

4.2.3 Universidade de Fortaleza

Ao contrário da universidade anterior este curso trata o surfe de forma mais fragmentada dentro de uma unidade onde é desenvolvidas atividades com esportes que necessitam do meio aquático e do vento. Nesta unidade, além do surfe, são vivenciados esportes como o Windsurf, iatismo, e mergulho. A disciplina é nomeada por Esportes com a natureza e debate e trabalha as noções de ecologia e sua relação com esportes de contato direto com a natureza, fundamentos e técnicas para atividades de orientação e técnicas para esportes verticais e esportes aquáticos de vento e vela. Pode-se dizer então que as práticas aquáticas e de aventura possuem pontos em comum que dificultam a classificação de algumas das modalidades.

4.2.4 Universidade do Sul Catarinense

A.UNISUL.proporciona.aos.seus acadêmicos.de.educação.física.duas oportunidades de estudar o surfe nas disciplinas de Teoria e metodologia dos esportes de aventura e Modalidades complementares, esta segunda dividida em dois semestres. Esta opção de duas disciplinas pode beneficiar ainda mais o aluno, de maneira a ter mais olhares diferentes e em contextos diversos sobre a prática do surfe.

Quanto aos objetivos, ementas e conteúdos das disciplinas podem verificar a seguir:

Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura

Ementa: Promover conhecimento sobre as atividades físicas na natureza e vivências práticas dos esportes de aventura. Conhecer os equipamentos básicos e normas de segurança, bem como os aspectos legais para a prática dos esportes de aventura. Prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.

Os.objetivos.específicos.visam.reconhecer.os.esportes.de.aventura; Compreender a importância dos esportes de aventura na escola, no lazer e na recreação como auxiliares no processo de melhoria da qualidade de vida. Identificar os equipamentos básicos para cada atividade. Vivenciar aulas práticas.

O envolvimento com as modalidades esportivas dentro desta disciplina é dado na unidade 3 (CLASSIFICAÇÃO DOS ESPORTES DE AVENTURA). É dividido em duas subunidades: Esportes radicais urbanos, Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN). Neste caso o surfe se insere na última das duas divisões da unidade de ensino. Sendo conteúdo para estudo o histórico, as regras, as adaptações, os equipamentos básicos, e a segurança dos esportes/atividades desenvolvidas neste momento. Entre eles estão: Surf; Trekking; Mountain Bike; Orientação com bússula;* (Enduro a pé); Técnicas verticais ao ar livre (nós, rapel, escalada); Espeleologia; Canoagem; Sundboard.

🌐 Modalidades Complementares I, II (licenciatura não)

Ementa: Dimensões e universo do esporte. Contextualização, problematização, divisão e classificação do esporte. Estudo da história, técnicas, táticas e solicitações físicas e motoras de modalidades regionais e outras não contempladas em disciplinas específicas.

É interessante observar que esta disciplina tem um cunho mais técnico, voltado para o rendimento e estudo do esporte. Porém ganha destaque o enfoque em outras atividades não contempladas durante o curso, o que aumenta mais as possibilidades dos alunos entenderem processos metodológicos, ou agregarem mais alternativas de intervenção em sua bagagem de formação.

Os objetivos específicos desta cadeira são identificar competências técnicas e táticas dos esportes; Analisar os esportes de acordo com a sua especificidade; Analisar os aspectos físicos e motores dos esportes; Compreender a importância das regras de segurança; Identificar os equipamentos básicos de cada esporte. Vivenciar aulas práticas.

O conteúdo abordado nesta disciplina referente aos esportes regionais, olímpicos e não olímpicos e de aventura refere-se ao estudo da história, técnicas, táticas e solicitações físicas e motoras destas práticas. O surfe se insere na unidade três.

4.2.5 Faculdade de Alagoas

Através de um retorno, do email enviado aos coordenadores, com poucas informações, o Curso de Educação Física da Faculdade de Alagoas, não possui

disciplina que seja específica do surfe, no entanto, a modalidade é citada, apenas, na disciplina Esportes na Natureza. O dado disponível, explicando da existência sobre os esportes na natureza provavelmente não terá muitas diferenças das outras no que se refere de foco da disciplina, porém foi de forma muito superficial e sem esclarecimento quanto a unidade em que é estudada, qual a ementa da disciplina, os objetivos, se a modalidade recebe só a “menção” a qual é descrita ou é uma abordagem de uma semana, duas, o mês?.

4.2.6 Universidade Veiga de Almeida

Entre as universidades e faculdades analisadas, esta foi, sem dúvida, a segunda mais importante para este trabalho. Apesar de na Universidade Veiga de Almeida, que fica na cidade de Cabo Frio no Rio de Janeiro, não constar em sua grade a disciplina surfe, ela oferece ao curso de educação física uma inovadora e criativa disciplina obrigatória para os licenciados e bacharéis.

A Metodologia de Ensino dos Esportes de Praia, segundo o professor Erik da disciplina, afirmou esta nova proposta ter sido um diferencial do curso de EF na região de Cabo Frio. E concordo com o professor sem mesmo estar presente no dia a dia da universidade, mas que, no entanto, o fato de terem tido a iniciativa de uma possibilidade de estar focando em atividades na praia já considero valioso. Aproveitar os recursos naturais e o espaço público da praia pode alavancar uma série de idéias diferentes e inovadoras para os professores em formação. O professor também evidenciou que apesar de ser um esporte que se desenvolveu muito em nosso país, ainda é mínima a intervenção da EF na atividade. Esta aí, então, um passo dado a frente pelo professor na tentativa de quebrar essa barreira de que as práticas esportivas que utilizamos como mecanismo de aprendizado devem se limitar aos esportes tradicionais.

Quanto ao conteúdo, aborda-se a classificação do surf nos diversos critérios, o histórico, as diferentes modalidades e variações do surf, as perspectivas de atuação do profissional de educação física no surf, os aspectos ambientais intervenientes nas atividades, os impactos e a gestão ambiental, e criamos uma proposta metodológica para a iniciação no surf. Quando é possível também abordamos a construção de pranchas (shape, laminação, etc). As aulas são teóricas e práticas, pela extensão do conteúdo, quando há um grande interesse, são organizados cursos de extensão,

palestras, visitas (fábricas, museu do surf, etc). Atualmente, também está sendo desenvolvida uma pesquisa de iniciação científica que inclui o surf e a montagem de um projeto de extensão e um curso de pós-graduação lato sensu em esportes de praia, que abordam o surf. A equipe de professores e alunos, também, está disponível para ministrar cursos, não só no surf, mas também em outras modalidades afins, o bodyboard, a vela, windsurf, kitesurf, sandboard, skimboard e outros esportes de praia.

4.2.7 Universidade Santa Cecília

Após a averiguação dos cursos que estudam o surfe em matérias com características bem amplas e que abordam um grupo de práticas que são comuns em algum aspecto, seja equipamento, meio em que é praticado, condições da prática, etc, procuro fazer uma reflexão em cima da única, e reafirmo, a única disciplina no Brasil, ministrada em curso de Educação Física, que aborde exclusivamente o surfe. Neste caso ela passa ser considerada uma modalidade tão importante quanto as outras práticas que são contempladas com disciplinas próprias. Esta universidade, para melhorar a aproximação do conteúdo com a minha realidade de formação, cede a habilitação em licenciatura plena aos alunos de educação física.

O professor que ministra as aulas é o Prof. Pajy, que trabalha com Prof. Cisco Araña na disciplina. Segundo Pajy em sua resposta ao email enviado [mensagem pessoal], o surfe em Santos, é muito forte e está presente em muitas escolas de ensino, temos muitas escolas de surfe na região, a maior escola pública do país, Museu do Surfe, etc. Ele coloca que as possibilidades de ver, enxergar, tocar e vivenciar a prática de surfe são tantas em Santos, que desde o princípio os objetivos em Pedagogia do Surfe vem mudando e se adaptando as realidades da cidade e do nosso país.

O objetivo geral da disciplina é apresentado da seguinte forma: o surf como modalidade esportiva organizada, com milhares de praticantes em nosso país, apresentado como opção de área de atuação profissional ao professor de Educação Física. Proporcionar aos futuros profissionais de Educação Física, conhecimentos sobre práticas pedagógicas inclusivas e noções básicas para o ensinamento seguro de surfe com enfoque na educação; através da disciplina os mesmos poderão atuar em escolas de surf, academias e projetos, ensinando as noções elementares para a prática deste esporte.

No 1º semestre o objetivo é fazer os alunos entenderem um pouco da magia de surfar, construindo idéias e reflexões que no segundo semestre irão ajudar na construção e transformação de alunos de surfe em professores de surfe. A partir da segunda metade do segundo semestre eles irão dar aulas práticas de surfe para grupos bem diversificados de indivíduos como crianças, idosos, adultos, alunos com necessidades educacionais especiais (cegos, autistas, down entre outros).

O professor, após apresentar os objetivos e ementa, expõe algumas observações quanto às definições. Segundo Pajy a ementa tem que ser entendida não no seu conteúdo propriamente dito, pois está todo fragmentado, mas pensá-la como algo que sempre está sendo reconstruído. Este detalhe é muito importante e valioso, no sentido de valorizar as experiências dos alunos que ingressam na disciplina e das transformações que vão acontecendo no mundo e refletindo no mundo do surfe e da própria atividade de professor.

O Conteúdo Programático é dividido em 19 unidades, que foi pensada distribuindo entre dois semestres. Sendo o primeiro, como já falado, voltado mais ao contato com a prática e discussões que fazem uma relação teoria e prática e no semestre seguinte atuando diretamente e observando as propostas. As unidades estão divididas da seguinte forma:

- 01- Surfe em Santos, Brasil e no mundo
- 02-Mercado de Trabalho
- 03-Prática e adaptabilidade dos equipamentos e acessórios em piscina
- 04-Aspectos de segurança na piscina
- 05- Jogos cooperativos adaptados para o surfe
- 06- Jogos e brincadeiras para o surfe
- 07- Prática e adaptabilidade dos equipamentos e acessórios na praia
- 08- Aspectos de segurança na praia
- 09-Exercícios específicos de aquecimento e alongamento para a prática do surfe
- 10-Previsões climatológicas
- 11-Previsão de ondas
- 12-Equipamentos de propriocepção
- 13-Evolução do esporte e equipamentos
- 14-Manobras de shortboard, bodyboard e longboard.

15- Lesões no surfe e bodyboard

16-Desenvolvimento de jogos e brincadeiras adaptados ao surfe e bodyboard na escola nos ensinios, infantil, fundamental e médio

17-Prática de ensino (surfe especial)

18-Prática de ensino na terceira idade

19-Prática de ensino para crianças

Considerando os conteúdos abordados, pode-se ver que de forma bem ampla e completa o surfe esta organizado para a disciplina nesta universidade, podendo-se dizer que ela torna-se um modelo para outras iniciativas. A estrutura oportuniza uma discussão sobre a temática surfe partindo para uma criação ou proposta de ensino da prática em diferentes locais e públicos alvos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo deste estudo instigou-me ainda mais o aprofundamento deste. Durante a pesquisa me deparei com problemas que indagaram ainda outras dúvidas e questionamentos acerca do assunto, além de impressionar os números encontrados de universidades que tratam em seus currículos do surfe. Apesar de ter tido acesso a informações muito importantes e relevantes – objetivos e conteúdos abordados – faltou o contato direto, como observador ou participativo, que ultrapassasse essa superficialidade e pudesse alcançar uma percepção das perspectivas muito maior e mais profunda. No entanto, essa investigação instigou novos questionamentos e indagações que inspiram a dar continuidade ao estudo desta temática a fim de contribuir ainda mais para e na formação dos acadêmicos de Educação Física. Nada melhor para analisar de verdade qual a abordagem ou como é feito essa abordagem, do que observação ou ação junto as aulas e disciplinas. Assim como o professor Pajy, da única universidade no Brasil que ministra a aula de surfe, cita em resposta ao email que o melhor seria conhecer a realidade da universidade e lhes visitar. A prática é muito melhor para entender a visão da Cultura do Surfe deles, arraigada de amor e alegria. E além disso, entender a maneira como é tratada essa abordagem as vezes não é bem exemplificada em ementas e objetivos, ou conteúdos programáticos, depende muito do professor e dos alunos da aula.

De acordo com os resultados obtidos, faz-se uma comparação em relação aos objetivos anteriormente propostos, neste trabalho. Pode-se dizer que os cursos de Educação Física no Brasil ainda estão entregues principalmente aos esportes tradicionais, quando possuem atividades diferenciadas, tratam de maneira bem genérica e trabalham com diversas modalidades que se comparam com algo em comum. Em sua maioria o surfe é tratado dentro das disciplinas de Esporte de aventura, que recebe nomes diferentes como esportes na natureza ou radical, porém tem a mesma definição. Estas disciplinas têm levantado um assunto de extrema importância no cenário mundial que é a questão da consciência ecológica. Portanto, o surfe passa a ser um conteúdo, que em algumas vezes é pouco trabalhado, parte do corpo de modalidades a serem estudadas na mesma disciplina o que já é uma forma de incentivo a esta prática e também uma discussão pedagógica da temática. No entanto, o espaço para debate é

reduzido o que não aprofunda muito a identificação de potenciais pedagógicos para se trabalhar com o surfe.

Neste estudo é interessante nos aproximarmos da iniciativa da universidade Veiga de Almeida, que disponibiliza aos acadêmicos uma disciplina inédita e única que é a teoria e metodologia de ensino dos esportes de praia. É importante para o acadêmico saber desta inovação, que dará estímulos para novas formas de atuação e de local de atuação, além de valorizarmos um espaço público e que atrai muito as pessoas, portanto podendo facilitar, posteriormente, a novas alternativas de trabalho com crianças, idosos, particulares, etc.

No entanto, a principal intenção do trabalho foi buscar as abordagens sobre o surfe nos cursos de graduação e, apesar destas disciplinas que tratam o surfe de forma limitada e integrante de um corpo de conteúdo, as análises voltam-se a uma única universidade que, neste vasto território brasileiro, que de costa marinha chegam a 9000Km, trata diretamente do surfe como disciplina. Através das ementas, objetivos, conteúdo programático e do email, foi possível reconhecer o surfe como uma modalidade com muito conteúdo a ser discutido e estudado deve se tornar mais comum aos cursos de educação física.

Esta é uma temática em emergência e de extrema importância para diferentes profissionais, demarcando novas possibilidades no mercado de trabalho e, mais ainda, evidenciando tais práticas como valiosas oportunidades para mudanças de comportamentos, atitudes e valores. Pensando assim, trago a necessidade de proporcionar aos graduandos em educação física a valorização e a atuação com diferentes alternativas de práticas que possam dar subsídios a uma quebra da hegemonia dos esportes tradicionais na escola e fora dela. É necessário que a faculdade proporcione mais vivências diferentes, que se efetivem quando forem oferecidas e não fiquem só no papel. A realidade é que Florianópolis é considerada hoje a capital do surfe brasileiro, oferece mais de 10 praias com opções diferentes de ondas, tem duas grandes universidades públicas, oferece propostas de aulas de surfe em escolas e clubes, etc., mas, no entanto, na Universidade Federal, meu caso, não foi discutido e debatido alternativo que pudessem agregar minha formação e me deixar mais preparado para criar novas possibilidades e propiciar novas experiências aos meus alunos. Concluo este trabalho afirmando que o surfe pode ser uma prática corporal explorada em diversos âmbitos da educação e, principalmente na educação física. Sua prática já é cheia de valores essenciais que podem contribuir na transformação social.

6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles; MORAIS, Pedro Paulo de; FONTOURA, Humberto. **Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida: Notas Introdutórias.** Revista.Digital:.Buenos.Aires,.2002..Ano 8..Nº.52.. Disponível.em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Universidade Católica de Brasília.

AVILA, Astrid Baecker. **As relações entre cultura e subculturas: circunscrevendo a cultura corporal.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós graduação, CDS – UFSC. Florianópolis, 2000.

BACHELADENSKI, Miguel Sidenei. **(RE) Significações do Lazer em Relação com a Saúde em Comunidade de Irati / PR.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós graduação, CDS – UFSC. Florianópolis, 2006.

BENDO, Priscila. **Os esportes nos currículos de educação física, licenciatura e bacharelado, da UFSC: expectativas iniciais às possíveis atuações profissionais.** 2006. 58f. Monografia (Graduação em Educação Física). Centro de Desportos -.UFSC. Florianópolis, 2006.

Claudio Lucena. Trabalho de Conclusão de Curso [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por email <lucena@faculdadesocial.edu.br> 02/06/2010.

DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas Do Esporte No Brasil.** RIO DE JANEIRO: CONFEF, 2006. Disponível em <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/114.pdf>>.

SILVA, Cassiano Paes da; SILVA, Méri Rosane Santos da; SOUZA, Altamir da Silva. **Surf: Esporte, Corpo e Tribo.** Os Discursos da Sociedade de Consumo Fluem na Revista Fluir.

DE BEM, Maria Fermínia Lutchtemberg; et al (org.). **Produção Científica em Educação Física: Monografias 2000 – 2004.** Florianópolis: CDS/UFSC, 2009. 329p.

FEITEN, Carolina. **O Perfil dos Jovens e Crianças que Praticam o Surfe em Florianópolis.** Florianópolis, 2006. Monografia. CDS.

FINNEY, B. **Voyage of rediscovery.: a cultural odyssey through Polynesia.** University of California Press. 1994.

FLEXA, João Manoel Ribeiro. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. **O surfe no contexto do desenvolvimento sustentável** : estudo de caso na Ilha de Santa Catarina, Brasil, no período de 1995 a 2005. Florianópolis, 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

GORAYEB,. Marco Antônio.. UNIVERSIDADE.FEDERAL.DE SANTA. CATARINA Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental. **O surfista como ator no processo.de.construção.da.sustentabilidade.**..um..proposta.participativa. Florianópolis, 2003. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental.

LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p.ISBN 85-87166-67-0.

MARINHO,.Alcyane..**Atividades.na.Natureza,.Lazer.e.Educação.Ambiental:** Refletindo Sobre Algumas Possibilidades. Motrivivência, 2004. UFSC. ISSN 2175-8042. p.47 – 70.
<http://www.journal.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/1184/1919>. 2004

MARTINS, Giorgia Enae. **Surf E Educação:** O Conceito de Mídia-Educação em uma Proposta Pedagógica com o Surf. Semana da Educação Física, 2008. Disponível em: <<http://www.cds.ufsc.br/pet/SEF2008/anais/trabalhos/poster/giorgia.pdf>>

Ministério.da.Educação..**Cadastro.de.Universidades**..Disponível.em: <emec.mec.gov.br>. Acesso em: 01/04/2010.

NETO, Arídio Mario de Souza; WENDHAUSEN, Mônica. **A Prática do Surf e sua Influência.no Desenvolvimento Infante-Juvenil**. Instituto Catarinense de Pós-graduação – ICPG Curso de Pós-graduação em Gestão e Treinamento no Surf. Florianópolis, 2006.

NETO, Ramiro Martinez; JUNIOR, Benno Becker; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Escolas de Iniciação ao Surfe no Brasil:** Um Panorama Inicial. IV Encontro Ibero-americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que Fazem Investigação na sua Escola. Disponível em <<http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho106.pdf>> Lageado, RS, 2005.

PARPINELLI, Jonathan Mazon. **Estudo da influência da publicidade e análise do comportamento do consumidor na disseminação da cultura surf.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda. Porto Alegre, novembro de 2007.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I - Número I - Julho de 2009. ISSN: 2175-3423

SILVA, Egon Jeferson de Oliveira. **Eu Quero Bola Rolando: Cadê Meus Atores?** Uma Análise das Disciplinas Práticas Esportivas da Educação Física. Monografia CDS UFSC. 31f. Florianópolis 2002.

SKINNER, James; GILBERT, Keith; EDWARDS, Allan (eds.). **Some Like It Hot: The beach as cultural dimension.** *Sport, Culture and Society*, v. 3. Oxford: Meyer & Meyer Sport (UK) Ltd., 2003. ISBN 1-84126-098-3

STEINMAN, Joel. **Surf e Saúde.** Florianópolis: Joel Steinman, 2003. 528p.
ZIMMERMANN, Ana Cristina; FARIAS, Sidney Ferreira; PATRICIO, Zuleica Maria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Desportos . **Atividades físicas de aventura na natureza** elementos teórico-práticos dessas atividades na Ilha de Santa Catarina /. Florianópolis, SC, 2001. 133 f. + Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos.

TAFFAREL, Celi N. Z. **A Formação do Profissional da Educação Física: O processo de trabalho Pedagógico e o Trato com o Conhecimento no Curso de Educação Física.** 2003. 230f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

ZUCCO, Fabricia Durieux; MESQUITA, Alexandre e PILLA, Armando. **Surf: Um Mercado em Evolução.** FURB – Universidade Regional de Blumenau. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18688/1/2002_NP3zucco.pdf>